

2. Tribuna Afro-indígena

NEGRITUDE, MÍSTICA E PROFECIA
P. Antonio Aparecido da Silva, fdp

Negritude,

Mística e profecia

*Antônio Aparecido da Silva, fdp**

Mística e profecia são temas recorrentes na teologia e na espiritualidade cristãs. Portanto, este binômio característico da fé cristã pertence à sua mais longínqua tradição e, ao mesmo tempo faz parte da sua atualidade. A mística e a profecia qualificam e distinguem a espiritualidade cristã. A fé cristã exige uma mística, ou seja, um estado de espírito e de vida que traduz o modo de ser, o posicionamento de compromisso e de transcendência da pessoa cristã diante da realidade.

A profecia, por sua vez, indica o itinerário pedagógico onde o próprio Deus é o agente do processo. Neste sentido a mística e a profecia são inseparáveis. Viver misticamente é ter consciência de viver envolvido pela graça de Deus, reconhecendo-o em cada expressão verdadeiramente humana.

A esta vivência se chega através da postura profética, ou seja, na condição de discípulo, discipula de Deus. O que caracteriza a mística profética não é, por certo, a iracúndia humana ou sua voluptuosidade, mas a disponibilidade em realizar voluntária ou involuntariamente a vontade de Deus. Exemplos de figuras bíblicas patenteiam o que estamos afirmando. O acontecimento Jonas é clássico neste sentido, como também a vocação de Jeremias, e o mesmo se poderia dizer de Elias, entre outros.

Estas figuras proféticas estão marcadas pela resistência e pela vontade de realizar o próprio desejo. Até que

* Antônio Aparecido da Silva. Sacerdote Orionita. Teólogo Afro-brasileiro, Membro de ETAP.

conduzidos pela pedagogia divina entendem que ser profeta é fazer a vontade de Deus. Entretanto a esta conclusão só chegam depois de se deixarem envolver pela graça de Deus.

Houve tempos em que a compreensão da mística e da profecia pareciam desassociadas. Por vezes chegou-se a pensar que um era o místico, outro era o profeta. Hoje, assim como na mais lídima tradição cristã, não se tem dúvida de que o místico é um profeta, como não se tem dúvida também de que o profeta é por excelência um místico.

Mística e profecia, por certo, não são prerrogativas tão somente de indivíduos, de pessoas singularmente falando. É possível evidenciá-las no coletivo. Aliás da mesma maneira que a santidade pode ser aplicada a todo um povo e nação (“povo santo, nação santa, raça eleita”), também a mística e a profecia podem ter a mesma aplicação. Um povo profético, um povo místico.

O desenvolvimento da teologia das culturas, sobretudo após o Concílio Vaticano II, tem em muito contribuído para que se perceba nos povos, riquezas, inclusive no que se refere à mística e a sua missão profética. Voltaremos a esta questão.

Nesta mesma direção, não menos interessante tem sido a contribuição da pós-modernidade, sobretudo, desconstruindo modelos de compreensão, superando paradigmas e possibilitando novas referências. Também sobre esta questão retornaremos mais adiante. Por agora basta constatar que estas novas compreensões permitem também pensar

teologicamente a mística e a profecia a partir do mistério de Deus presente nas culturas dos povos. É neste sentido que queremos propor a presente reflexão, ou seja, pensar a mística e a profecia a partir da realidade do povo afro-americano.

1. A Mística do Povo Negro

Em toda a afro-América o povo afrodescendente, não obstante a dureza da realidade em que vive a maioria, é caracterizado por uma peculiar alegria e por uma genuína expansividade. Com a mesma intensidade percebe-se na população negra uma afinidade com o sagrado seja na prática do catolicismo popular, sobretudo, como também nas religiões de matrizes africanas. Mais que práticas religiosas, a vinculação dos povos afrodescendentes com o sagrado procede de uma verdadeira mística herdada das suas origens africanas.

1.1. As Razões Originantes da Mística Afro

As espiritualidades que informam as místicas africanas certamente são tantas quanto as culturas do vastíssimo continente. Nós, afro-americanos, somos herdeiros sobretudo de duas grandes tradições culturais: os bantus e os nagôs. Embora provenientes de dois grandes ramos culturais africanos, muitas de nossas heranças se fundiram e, embora mantenhamos viva até os dias de hoje as particularidades culturais de cada uma das tradições, a verdade é que constituímos um só povo, o povo afro-americano presente em todo o continente.

Sem dúvida o processo de escravidão sofrido, a luta pela libertação e a resistência face às adversidades ainda hoje imperantes, fez das distintas etnias africanas na diáspora um só povo marcado pela mesma dor, vitimado pelo mesmo racismo e lutador pela busca da mesma cidadania. Assim, ao longo dos séculos, surgiu uma nova identidade individual e coletiva sem perder os traços fundantes da africanidade, entre eles, a dimensão do sagrado.

De fato a noção do sagrado e, consequentemente a concepção mística, são conaturais aos povos africanos desde suas matrizes culturais, desde suas cosmovisões. Um homem ou mulher africanos diria sem mais: “o mundo é sagrado porque o seu criador é sagrado”.

Na verdade, tanto na tradição cultural bantu quanto nagô, a criação do mundo é consequência da vontade do Ser supremo: Zambi para os primeiros, Olorum para os segundos. Em ambas tradições religiosas, a realidade criada é parte integrante do espaço sagrado. Da mesma forma a cronologia histórica não é outra coisa senão parte da história sagrada. Aliás, os ancestratos entre os bantus e os orixás entre os nagôs são a evidência maior da simbiose entre a cronologia histórica que se plenifica na totalidade sagrada. Por esta mesma lógica fica evidente que não existe antagonismos entre o sagrado e o profano. Todo profano é sagrado, da mesma forma em que todo sagrado faz parte do real.

1.1.1. A força mística do Axé

Sendo a realidade, e toda a realidade parte do sagrado, toda a realidade é consequentemente mística, ou seja, envolta pelo sagrado. Entretanto, mesmo sendo toda a realidade expressão mística, pode-se evidenciar algumas instâncias em que a mística se dá em profusão. Uma delas é o Axé. Energia vital presente em todo ser criado, o Axé tem sua fonte unicamente no Ser supremo, na divindade, em Olorum, Zambí ou em Deus simplesmente.

O Axé está presente em tudo o que tem vida tanto no reino animal quanto no reino vegetal e inclusive no reino mineral. Isto explica a vitalidade das plantas, dos animais e até das pedras. Isto explica também a capacidade de cura das plantas, a energia que os seres criados que se movem comunicam uns para os outros e a variedade de tonalidades entre os minerais.

Os seres humanos entretanto são os maiores possuidores do Axé. A função litúrgica sacerdotal é comunicadora do Axé, assim como no parto a mulher comunica o Axé de Deus à nova criatura. Portanto o Axé é uma energia divina que emanada de Deus criador e amorosamente justo, atinge de forma vital toda a natureza criada, privilegiando inclusive os seres humanos. Por conseguinte através do Axé estabelece-se em todo o universo um vínculo inseparável, responsável inclusive pelo necessário equilíbrio do eco-sistema.

O Axé estabelece a consciência da mística enquanto relação íntima, vital com o criador, e do relacionamento com todo

o cosmo. O Axé, portanto, estabelece a mística do respeito e da cinergia entre as pessoas e as coisas. A revitalização ou renovação do Axé é realizada constantemente através da interação constante entre Deus e as pessoas e consequentemente das pessoas entre si e com as demais expressões da natureza.

1.1.2. Ancestrros e Orixás: mediações místicas

A renovação do Axé ocorre de forma prioritária através da relação divina-humana que se dá por meio da presentificação dos, das Ancestrais e dos, das Orixás. Quando na função litúrgica evoca-se a memória viva dos, das Ancestrros, ancestras, ou evidencia-se a presença do, da Orixá, as pessoas da comunidade de fé sentem no próprio corpo a manifestação do Axé de Deus e, por isto mesmo ficam em estado de Santo.

As primeiras gerações de afrodescendentes na diáspora afroamericana não tiveram grandes dificuldades em entender, apesar de métodos de imposição característica da prática de uma igreja de cristandade, a proposta central cristã do Cristo libertador, sofredor, libertador e do Senhor ressuscitado. Para os afros antigos, o Cristo, inculturalmente compreendido era na verdade o grande Ancestro, ou seja, o Deus vivente, ou ainda o maior de todos os Orixás e, portanto, identificado com o Oxalá. Na promessa de Jesus: “Eis que estareis convosco até o final dos tempos” está a certeza da presença do Ancestro. Como também através do estado de Santo, o Deus que se faz no pão e no vinho ali-

mento para a humanidade, se faz também presentificando-se no corpo das pessoas pela mediação dos Orixás.

1.1.3. A mística: do pessoal ao comunitário

Se o Axé é a grande expressão mística, a Comunidade é o espaço privilegiado desta expressão. Sem deixar em segundo plano a insubstituível dimensão da pessoa, a comunidade adquire dimensão central na compreensão dos povos afrodescendentes. Ela é critério de vida ou morte. Viver é viver comunitariamente; morrer é separar da vivência ou convivência comunitária.

A mística é uma energia, um estado de espírito ou mais ainda, um modo de ser, de viver e de sentir que perpassa as pessoas, as criaturas e envolve toda a Comunidade. Por conseguinte a mística não é um ascetismo voluntarista, mas expressão de um viver comunitário, portanto uma postura personalizada que se abre e se plenifica em Deus que se revela no processo coletivo.

A mística é uma energia, um estado de espírito ou mais ainda, um modo de ser, de viver e de sentir que perpassa as pessoas, as criaturas e envolve toda a Comunidade. Por conseguinte a mística não é um ascetismo voluntarista, mas expressão de um viver comunitário, portanto uma postura personalizada que se abre e se plenifica em Deus que se revela no processo coletivo.

1.2. A Vivência Mística do Povo Negro

O povo negro na diáspora em situação de cativeiro desenvolveu certas particularidades que vieram somar ao patrimônio místico cultural das tradições africanas. Entre estas características merece particular destaque a mística da resistência. A inominável realidade de escravidão que por cerca de quatro séculos vitimou a população afro-americana, forjou no povo escravizado uma permanente atitude de resistência. De acordo com a história, as formas de resistência foram diversas, do Banzo ao Abolicionismo, das Senzalas aos Quilombos. Entretanto, a característica permanente em todas as etapas de luta foi a certeza insofismável de que com sua resistência o povo escravizado conquistaria a liberdade.

A certeza do povo negro, em tantas circunstâncias, tinha tão somente por segurança a fé em Olorum, em Zambi, em Deus. As condições reais para a resistência eram precárias. Aliás, nem poderia ser diferente. Um povo arrancado de suas terras, condicionado a romper com os laços naturais de pertença comunitária, portanto, com o princípio

estruturante da própria vida, só podia encontrar-se em situação de extrema fragilidade. Por isto mesmo, os primeiros atos de resistência foram individuais. A greve de fome ou o banzo até à morte podia não dar grandes resultados, mas sem dúvida alguma traduzia de forma radical o protesto do africano contra aquele vil estado de coisas.

Semelhante atitude tiveram as mulheres escravizadas forçadas à prática do aborto diante da ignominiosa situação de terem que gerar filhos para a reposição e o suprimento da mão de obra escrava. Há medida em que foram sendo superadas as dificuldades primárias que impediam a comunicação entre os escravos (diversidade de línguas, de etnias), aos poucos passou-se de estratégias individuais e solitárias para práticas coletivas de resistência. As insurreições e as lutas abolicionistas que se multiplicaram em todo o continente, demonstram a eficiência das estratégias articuladas pelos negros. Particular apressamento neste sentido deve ser dado às organizações e eficácia dos Quilombos ou Palenques, onde a resistência assume papel de sistema alternativo à estrutura de poder vigente no período colonial.

A força da resistência vinha unicamente da confiança em Deus. Confiança que por um longo período o negro e a negra tiveram que cultivar solitariamente no interior de si próprios uma vez que ficaram impedidos de toda e qualquer prática religiosa comunitária de origem. Aliás, num primeiro momento a escravidão surpreendeu o negro de forma tão absurda que não via outra saída a não ser refugiar-se na vulnerabilidade que

**A força da resistência
vinha unicamente da
confiança em Deus.
Confiança que por um
longo período o negro e
a negra tiveram que
cultiva-la solitariamente
no interior de si próprios
uma vez que ficaram
impedidos de toda e
qualquer prática religiosa
comunitária de origem.**

atingia inclusive as forças sagradas. Talvez a expressão mais antiga da simbiose entre a fé cristã e as tradições religiosas africanas tenha se dado na identificação do negro na condição de escravidão com a solidão do Cristo sofredor: “Meu Deus, porque me abandonaste?” Já não havia mais África, nem autonomia; já não havia mais liberdade, nem deuses capazes cessar a tormenta, o terror. Diante de tal situação só restou a chama tênue da esperança que para não se extinguir alimentou a resistência.

As gerações de negros e negras que se sucederam, mantiveram acesa a chama da esperança através do fortalecimento da resistência. Foi resistindo que Zumbi, Manoel Congo, Aqualtune, Luísa Main e tantos outros, outras vislumbraram nos Quilombos e Palenques os sinais da libertação que se aproximava. Se a luta

abolicionista reunia os que lutavam por esta causa como se fossem uma verdadeira igreja doméstica como dirá Joaquim Nabuco, a prece desta igreja secularizada era a mística da resistência. Mais tarde, recuperando os seus próprios espaços para a prática das suas religiões de origem, ou/e participando das expressões do catolicismo popular sincretizado, os negros continuaram mantendo alta a mística da resistência.

Figuras místicas foram Adetá, Iyaka lá e Iyanassô, iniciadoras do Candomblé brasileiro a mais de duzentos anos(p.9). Igualmente místicas foram Mãe Aninha, Mãe Senhora, assim como Mãe Menininha do Gantois, ancestras da religião dos Orixás na Bahia. Místicos foram também Martinho de Porres, Silvério Pimenta, o padre Vitor e tantos outros, outras. Místico foi Martin Luther King quando desafiado pelo duro racismo norte americano, responde misticamente: “Vocês, os racistas podem continuar matando nossos filhos, nós, os negros, continuaremos amando vocês!”

A mística impregnou o ser e o viver do povo afrodescendente. Talvez esta seja uma das heranças mais preciosas que os sentimentos dos negros da diáspora com suas matrizes africanas. Este sentimento comum, por certo, alimenta a teimosa resistência negra, tornando-a verdadeira expressão de resiliência na busca da superação das formas de exclusão que continuam vitimando os milhões de negros e negras do continente mãe e da afro-diáspora.

2. Um Povo Profeta

Há, por certo, distintas maneiras de entender o profetismo e, conseqüentemente a figura do profeta. Na própria Bíblia não raras são as preocupações em preservar a figura dos legítimos profetas em relação aos falsos profetas. Portanto, há algo que caracteriza o verdadeiro profeta. Ao nível do senso comum, com freqüência o múnus profético é identificado com a figura do adivinho, aquele, aquela que lê o futuro. Portanto, no mínimo, uma figura estranha.

“A religião de Israel conhece o surgimento daquilo que em suma se chama de profecia, sendo também nisso muito semelhante ao seu meio ambiente. O profeta é mensageiro e porta-voz de determinada divindade, com a qual ele trata intuitivamente, ou seja, não dispondo de procedimento oracular técnico; comunica sua mensagem divina espontaneamente a outros ou a pedido deles” (722). No Dêutero-Isaías, a função do profeta está identificada com a afirmação do monoteísmo judaico. A preocupação do profeta é anunciar com veemência que existe um só Deus, o Deus de Israel; os deuses dos outros povos não existem (cf. Is 43, 12; 45, 21s). Os atributos antes relacionados a Elohim, o deus criador de Israel politeísta, ou a Marduc, agora são exclusividade de Javé, o Deus único e criador. A pregação sobre a exclusividade de Javé legítima e qualifica moralmente a função do profeta.

Na tradição bíblica podem ser caracterizados entre os anos 1000 e 586 a. C. três diferentes tipos de profetas: grupos de profetas, profetas do templo, profetas

independentes. Os grupos de profetas se caracterizam por fazer parte de uma corporação profética que se reúne em torno de um mestre. Os profetas do templo são aqueles que estão publicamente relacionados a este espaço. No primeiro livro dos Reis, fala-se que no ano de 853, o rei Acab de Israel reuniu os profetas em número de quatrocentos e os interrogou acerca do êxito de uma expedição militar (cf. 1Rs 22,6). Os profetas independentes agem sem vinculação a grupos ou ao templo. Em Israel são tidos como “homens de Deus”. Entre eles pode-se destacar Gad, Natã, primeiras figuras proféticas que aí pelos anos 1000 a. C. ou um pouco antes surgem na corte de Davi (724). Entretanto, os mais característicos são sobretudo os chamados profetas-escritores como Isaías, Jeremias, Ezequiel, ou seja os profetas maiores e menores.

É importante ter presente que a ação do profetismo independente não se dirige exclusivamente à figura do rei mas atinge toda a camada dirigente do povo, entre os quais os profetas exercem influência como líderes de opinião.

A literatura profética chegou até nós através da história de Israel. Na leitura cristã do profetismo bíblico, esta categoria tem uma dimensão bem específica. A profecia está relacionada com o grande advento do Messias. Passa-se, portanto, da ênfase na desgraça como ameaça no conteúdo profético, para a mensagem da esperança. Profetizar é de alguma forma anunciar Jesus e seu Reino. Por isso mesmo, João Batista é considerado o último dos profetas. Aquele que anuncia e mostra Jesus presente. A profecia é assumida e plenificada em Jesus e, nele e

por meio dele através da graça batismal todos somos profetas.

A profecia na perspectiva cristã é plurifacética. Para além das características particulares, de carismas pessoais, a profecia caracteriza o inteiro Povo de Deus. As figuras individuais que irrompem a partir de contextos específicos, na verdade são porta-vozes de realidades e de sentimentos coletivos, sobretudo no que diz respeito à prática da justiça e à opressão contra os mais necessitados. No testemunho profético cristão, o futuro não é algo inatingível, mas já está presente na pessoa e na ação do Cristo Jesus.

Na tradição cristã, o profetismo integra e qualifica a mística. Ser profeta e ser místico, é viver sensivelmente unido a Deus e ao seu povo, denunciando explorações e anunciando “um novo mundo possível”. Portanto, o profetismo cristão se insere no quadro dos carismas, é Dom de Deus a todo o seu povo. Somos um povo de profetas. É preciso ter consciência desta peculiar função. Assim, pois, a vocação profética é um caminho, uma pedagogia de escuta e de execução da vontade de Deus expressa em meio às vicissitudes humanas. O profeta não é mensageiro de si, nem de suas vontades, mas é mensageiro de Deus.

2.1. Profecia e Negritude

A função precípua da mística é, sem dúvida, conferir sentido às coisas, aos acontecimentos, a partir da fé. A saga vivida pelo povo negro na diáspora permite não somente análises sócio-estruturais, mas também um olhar de fé. Aliás, tratando-se da diáspora afroame-

ricana, esse olhar à luz da fé cristã é indiscutivelmente apropriado uma vez que estamos nos referindo a uma comunidade de batizados. Como se sabe, ao serem desembarcados nos portos em toda a América, os negros e negras eram batizados. A figura de Pedro Claver no porto de Cartagena tornou-se emblemática nesse sentido. Embora ocorrendo em situações adversas, o batismo caracterizava no negro a sua vocação profética, sacerdotal e de realeza.

A condição de batizados, precedida pela consciência da dignidade de pessoa e de povo culturalmente estabelecido, deu ao negro a convicção de lutar profeticamente contra o seu estado de escravidão. Assim pois, no contexto da escravidão colonial, a presença cristã dos negros, ressignificou o batismo, o qual, na coerência com a fé cristã, não poderia ser mais um sinal para legitimar a escravidão, mas uma arma para destruí-la. Afinal, foi para a liberdade que o Cristo nos libertou! (Cor.). Esta afro-compreensão da fé batismal pode ser vista no gesto do profeta Zumbi dos Palmares, quando tomando em mãos uma cruz, virou-a ao contrário, significando uma espada, e assim começou sua luta profética no Quilombo dos Palmares.

Antes de destacar as ações proféticas de figuras negras na afro-diáspora, é importante ter presente a vocação profética do povo negro no seu conjunto. A escravidão foi na verdade um sinal de contradição. Eticamente falando, o negro passou da condição de evangelizado a evangelizador. A escravidão, por cerca de quatro séculos, pode ser comparada ao Êxodo. Uma travessia

difícil pelo deserto colonial onde mais de 10 milhões de negros e negras foram vitimados. O povo negro viveu a experiência coletiva profética expressa na figura bíblica do Servo Sofredor (cf. Isaías). Encarnou também o mistério da Paixão e Morte de Jesus e, recolhendo fragmentos da própria fé e de suas culturas, continua até aos dias de hoje tecendo, com todos os empobrecidos, o tapete da ressurreição.

As lutas libertárias do povo negro nas várias etapas da história tiveram um caráter eminentemente profético. Dentre as diversas etapas, pode-se destacar na história recente do Movimento Negro, o profetismo na fase da Negritude. A Negritude, mais que um movimento, foi uma grande mobilização que atingiu a população negra na África e na diáspora.

O povo negro viveu a experiência coletiva profética expressa na figura bíblica do Servo Sofredor (cf. Isaías). Encarnou também o mistério da Paixão e Morte de Jesus e, recolhendo fragmentos da própria fé e de suas culturas, continua até aos dias de hoje tecendo, com todos os empobrecidos, o tapete da ressurreição.

Além das veementes denúncias das desigualdades raciais, do racismo real praticado em muitos países e, sobretudo das tardias colonizações impostas a significativo número de nações africanas, a ação da Negritude aponta perspectivas e alternativas, sendo a causadora da conquista de independência para vários países africanos.

Profetas da Negritude foram Leopold Sedar Senghor, Césaire Aime, Lumumba e outros tantos negros e negras que lutaram pela autonomia da África e a soberania de seus povos. Profeta foi também Stive Bico na sua incansável luta até o martírio, denunciando as escrescências do apartheid na África do Sul. Nessa mesma causa podem ainda ser elencados o bispo Desmond Tutu e Nelson Mandela.

2.2. A Profecia Afro: dos Quilombos aos Movimentos Atuais

A experiência dos Quilombos, dos Palenques marcou a história dos negros e negras na diáspora. Tornou-se importante e significativa por expressar um profetismo coletivo. Os Quilombos foram uma realidade em toda a América, sobretudo entre os séculos 17 e 19. O ponto de partida da ação dos homens e mulheres quilombolas era o exercício de um novo modo de viver, inspirado nas tradições organizativas africanas, tendo por objetivo o fim do regime de escravidão. Por si só, a prática dos Quilombos era uma denúncia às estruturas de servidão.

Nos Quilombos, à sabedoria própria das tradições culturais africanas, somava-se

também a inseparável prática de fé. As ruínas e vestígios de capelas encontradas nos antigos lugares de quilombos atestam práticas comunitárias de fé. Em alguns relatos históricos encontram-se narrativas que dão conta de que os quilombolas seqüestravam padres, proibidos de atender os quilombos, para celebrar-lhes eucaristias e, depois os remetiam para as suas vilas e povoados. Por certo, a fé alimentada pelos momentos celebrativos comunitários, garantiam a mística e a postura profética do povo quilombola.

Se no passado, nas várias etapas de lutas do povo negro, sobretudo na experiência dos Quilombos, a comunidade negra expressou de maneira real a sua postura profética, não menos o faz agora no momento atual do Movimento Negro atuante em todo o continente. Hoje, nas

distintas regiões da América, as organizações afro adquirem consistência caracterizando assim o Movimento Negro. A emergência da consciência negra respaldada pelas organizações que a acompanham por toda a afro-América, constituem na verdade o “Pan-africanismo”.

Enquanto presença profética o “Pan-africanismo” que sintetiza a performance do “Movimento Negro” na Américas se caracteriza pela unidade em torno da denúncia às formas atuais de racismo, aos preconceitos, às desigualdades raciais e, sobretudo, à violência centrada nos segmentos afros. Estatísticas de fontes fidedignas dão conta de que somente no Brasil 12 mil jovens negros por ano são vitimados por morte violenta nas periferias das grandes cidades. Estes números chegam a proporções muito maiores se somados à violência anti-negro nos demais países do nosso continente, sobretudo nas cidades norte-americanas.

**Enquanto presença
profética o
“Pan-africanismo” que
sintetiza a performance
do “Movimento Negro”
na Américas se
caracteriza pela unidade
em torno da denúncia às
formas atuais de racismo,
aos preconceitos, às
desigualdades raciais e,
sobretudo, à violência
centrada nos segmentos afros.**

A unidade do Movimento Negro quanto à denúncia é correspondida também no que diz respeito ao anúncio de direitos pessoais e coletivos, à participação e oportunidades em todos os níveis e, sobretudo, direito à cidadania. Assim como no passado, também hoje, o profetismo inerente ao Movimento Negro se nutre pela fé. Uma fé plurifacetária nas suas expressões como não poderia ser diferente devido à diversidade que caracteriza todo coletivo afro-étnico-cultural. Entretanto uma fé que aponta profeticamente na mesma direção do verdadeiro Deus da vida, contra os falsos deuses, os ídolos da morte.

3. Conclusão

As mudanças de paradigmas forjadas pela Pós-Modernidade têm contribuído significativamente para a desconstrução de saberes dogmatizados e a construção de novos conhecimentos a partir de novas sensibilidades. Isto ocorre nas ciências em geral e também na teologia. Assim pois, ao lado de paradigmas resultantes de hieráticas posturas deduzidas de conceitos pretensamente verdadeiros porque são racionais, emergem conhecimentos intuídos a partir das experiências vividas individual e comunitariamente e, sobretudo, das sensibilidades culturais.

No campo teológico, seguindo as melhores inspirações do Concílio Vaticano II, à luz da teologia das culturas (ou teologias das culturas), é possível e legítimo pensar as distintas contribuições que os diferentes povos dão para a compreensão do mistério de Deus a partir da sua própria genialidade. Assim, pois, fica evidente que a experiência de Israel não esgotou o sentido profético do mistério de Deus, mas contribuiu para a compreensão da sua ação reveladora. Deus é mais que a história de Israel, é mais que o cristianismo historica-

mente vivido. Portanto, também o profetismo e a mística, enquanto expressões do Deus da vida, transcendem estas importantes, porém sempre condicionadas experiências históricas, e transbordam nas vivências dos povos.

Em cada povo, ressaltam os dons de Deus presentes em suas culturas. Os gregos protagonizaram a mística e a profecia da consciência do deus-sabedoria; Os judeus o fizeram através da compreensão do Deus da história; Os povos afros vivem e testemunham a mística e a profecia a partir da subjetividade, onde o divino e o humano tornam-se íntimos e estabelecem cumplicidades.

A mística e a profecia, temas centrais na tradição da Vida Consagrada, e hoje retomados enfaticamente como prioritários na perspectiva da sua refundação, devem ser pensados de maneira pluri-cultural e inter-religiosa. Mística e profecia formam um binômio que pela força de sua expressão, pode ser o cimento, a amálgama, o ponto de encontro de todos os carismas congregacionais e, porque não dizer, um ponto de encontro face à dispersão da humanidade.